



A relação entre a *praxis* religiosa e a cultura “secularizada” em uma denominação cristã estadunidense

The relationship between the religious praxis and the “secularized” culture in a U.S. Christian denomination

Por Fábio Augusto Darius
Doutorando em Teologia (EST)
Bolsista CAPES

Resumo

Os primeiros membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia, fundada no início da segunda metade do século XIX, não almejavam viver muito tempo neste mundo: criam que logo Cristo voltaria literalmente e as profecias bíblicas tão demoradamente por eles estudadas se cumpririam ainda naquela geração. Assim sendo, não havia, por parte daqueles homens e mulheres pioneiros, intenção de se “misturar ao mundo”, exceto sob a égide da pregação do Evangelho e divulgação das profecias. Contudo, paradoxalmente, aqueles estadunidenses viviam como filhos de sua própria época, utilizando a tecnologia nascente para seus propósitos, mas resistindo à cultura que não se encaixasse em seus paradigmas relativamente restritos. No entanto, com o passar dos anos e a não vinda de Cristo, a difundida fuga do mundo aliada ao crescente desencantamento com seu *modus operandi* – cada vez mais distante do estilo de vida dos adeptos da denominação – obrigou aqueles cristãos a revisitarem suas premissas iniciais. As linhas do presente artigo têm como objetivo principal analisar sucintamente como a citada denominação, ao longo de sua história, vivenciou essa dialética e quais são as perspectivas para evitar a pulverização de seus primeiros ideais, ainda anelados.

Palavras-chave

Cultura. Escatologia. Teologia Adventista.

Grande prelúdio: as influências culturais na formação inicial do movimento adventista

Escrever acerca da gênese da Igreja Adventista do Sétimo Dia em seu bojo, os Estados Unidos da América “vitoriana”,¹ é, certamente, falar a respeito

Abstract

The first members of the Seventh-Day Adventist Church, founded early in the second half of the 19th Century, did not seek to live long in this world: they believed that Christ would return soon, literally, and that the biblical prophecies as they studied would be fulfilled in that generation. Thus, there was not an intention to “blend into the world” by those pioneers, men and women, except under the aegis of preaching the Gospel and disclosure of prophecies. However, paradoxically, those Americans have lived as children of their own time, using the current technology for their own purposes, but resisting before the culture that did not fit in their narrow paradigms. Over the years and due to the not coming of Christ, the widespread escape from the world combined to the growing disenchantment of their *modus operandi* – increasingly distant from the lifestyle of the followers – forced to revisit their initial assumptions. The lines of this article have as main objective to analyze briefly how that Christian denomination, throughout its history, has experienced this dialectic and what are the perspectives to avoid the spraying of their early ideals in the current days.

Keywords

Culture. Eschatology. Adventist Theology.

bem como seus leitores mais fiéis – ou seriam ferrenhos? – por ela alegar ter recebido visões e mais de dois mil sonhos. De todo modo, como se verá no decorrer do texto, ela e os membros de sua igreja usufruíam e se deixaram modelar por seu próprio tempo – como não poderia deixar de ser – apesar do caráter bastante combativo da igreja em seus primeiros anos. Para maiores e detalhadas informações acerca da pessoa de Ellen White circunscrita ao período vitoriano, vide: DOUGLASS, Herbert E. *Messenger of the Lord: The Prophetic Ministry of Ellen G. White*. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1998, especificamente os capítulos 4 (The Person and Her Times) e 5 (Messenger, Wife, and Mother), bem como LAND, Gary (Ed.). *The World of Ellen G. White*. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1987, o capítulo 1 (Ellen White’s Hometown: Portland, Maine, 1827-1846).

¹ Esta especificidade, dentre muitíssimas outras, aliada às próprias características dos Estados Unidos da América, permearia de forma indiscutível a obra de Ellen Gould Harmon White, ou simplesmente Ellen White, cofundadora da denominação e autora de mais de cem mil páginas manuscritas ao longo de setenta anos de ministério. Parece pertinente comentar acerca desse fato logo na primeira nota de rodapé do corpo do texto em virtude da citada autora muitas vezes ser estigmatizada,

da religiosidade latente daquele país a partir do final da primeira metade do século XIX sob uma perspectiva transversal às avessas. Por transversal às avessas, neste caso, prefiro utilizar, às avessas, o termo destinado à botânica, de acordo com o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa,² que, em paráfrase, afirma que é algo que atravessa perpendicularmente a superfície ou o eixo de simetria de algo, no caso, um órgão qualquer.

Se a tentativa – pífia, é verdade – de explicar a situação da Igreja Adventista do Sétimo Dia³ em seu contexto de nascedouro parece extremamente inglória, aparentemente não logrando qualquer êxito em sua argumentação inclusive por se valer de um referencial anômalo para fincar posicionamento histórico, então não poderia ter encontrado exemplificação mais adequada. Contudo, esta igreja está situada entre as mais originais – pelo viés de algumas de suas doutrinas absolutamente particulares⁴ – e ao mesmo tempo entre pouquíssimas genuinamente estadunidenses, ao menos durante aquele período.⁵

A partir dos anos 1830, um fazendeiro de nome William Miller, cujo familiar próximo era pastor batista, começou a estudar o texto bíblico

em sua totalidade, com profundo afinco. Munido de sua Bíblia King James, versão 1769, bem como com a concordância do gramático Alexandre Cruden escrita especialmente para ela, ele prometeu a si mesmo não avançar para a perícopes seguinte até encontrar o pleno significado da anterior. Miller, um antigo deísta despreocupado com sua vida espiritual, resolveu prestar atenção às questões concernentes à teologia a partir da Guerra de 1812, em que seu país acabou envolvido militarmente contra a Inglaterra, que desde 1776 não havia reconhecido oficialmente a independência do país norte-americano (a despeito de quase toda totalidade da civilização Ocidental). Depois da vitória “miraculosa” contra as forças anglo-saxãs na batalha de Plattsburg, ele exclamou, conforme Bliss: “o Todo-poderoso agradeu-Se em conceder-nos uma vitória-sinal”.⁶ A partir de então, pouco a pouco, até a década de 30 do século XIX, conforme anteriormente citado, começou sua busca pelo conhecimento bíblico.

Este aporte inicial, aparentemente pouco concatenado com os propósitos do presente artigo, na verdade encerra em si mesmo pelo menos dois importantes dados culturais que, incidentalmente ou não, viriam a constituir a traços significativos da futura Igreja Adventista do Sétimo Dia, até aqui, um movimento interdenominacional sem qualquer pretensão de se institucionalizar. Um deles, o primeiro, seria visceralmente rejeitado, enquanto o segundo, afetuosamente abraçado. O primeiro deles é o próprio deísmo, filosofia baseada na razão e observação do mundo natural, sem a absoluta necessidade de uma religião organizada para pressupor a criação do universo por uma entidade superior. Esta proposta filosófica, encampada pelos “pais fundadores” da nação estadunidense, principalmente pelas conhecidas obras de Thomas Paine,⁷ é reflexo direto dos pensadores ingleses

² HOUAISS, Antônio (Ed.). *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 3.0*. Versão monousuário. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

³ Ao longo do presente texto, utilizarei sempre o nome por extenso “Igreja Adventista do Sétimo Dia” ou “adventista do sétimo dia”, evitando assim a redução ao simples “adventista”. Com isso, desejo evitar ser arrogante ao pressupor que só existe uma Igreja Adventista, mas várias outras sob diferentes égides. No Brasil, apenas para citar dois exemplos, há a Igreja Adventista da Promessa e a Igreja Adventista da Reforma. Ambas afirmam categoricamente que o Adventismo do Sétimo Dia perdeu sua inspiração inicial e hoje é uma “simples” igreja protestante, sem uma missão definida. Em linguagem típica dessas igrejas, o adventismo do sétimo dia virou “Babilônia”.

⁴ Que outra denominação apresenta a doutrina do Juízo Investigativo ou – principalmente – a do Santuário Celestial, a partir de uma concepção fundamentalmente escatológica acerca da compreensão dos capítulos 8 e 9 do livro bíblico veterotestamentário de Daniel (com ênfase nos capítulos 8 e 9) lido em íntima conexão com o joanino Apocalipse?

⁵ Para maiores informações a este respeito e uma análise gramatical acerca dos primeiros documentos da Igreja Adventista do Sétimo Dia, consulte BLOOM, Harold. *La religión en los Estados Unidos: el surgimiento de la nación poscristiana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

⁶ BLISS, Sylvester. *Memoirs of William Miller*. In: MAXWELL, C. Mervyn. *História do Adventismo*. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1982. p. 76.

⁷ Creio que para visualizar de forma mais precisa o pensamento denominacional, pautado pelos escritos de Ellen White sob a perspectiva da dialética cultural “assimilação/entzauberung der Welt”, seja pertinente citar em nota de rodapé sua opinião, que em grande medida é a da igreja (excluindo os chamados “progressistas”), acerca das personalidades e movimentos culturais de sua época.

iluministas do século XVIII e praticamente condição *sine qua non* para pertencer a qualquer círculo intelectual, ou seja, daqueles que governavam e influenciavam o jovem país. Ao se aproximar dos textos bíblicos, William Miller se distanciou de sua prerrogativa de erudito, excluindo de algum modo, mas não totalmente, como se verá, o racionalismo oriundo da filosofia. Com isso, de forma arquitetada ou não, ele passou a pensar conforme a grande massa camponesa estadunidense que, naquela época, compreendia a imensa maioria da população estabelecida naquele país, mal incluindo as primeiras levas de imigrantes que começavam a chegar.

O fato em si mesmo pode parecer um tanto insignificante, mas é preciso levar em conta que William Miller era conhecido em sua comunidade como proeminente, exercendo funções importantes, como a de Juiz de Paz. Em sua

própria casa, outrora, eram reunidas as maiores personalidades locais para discussões acerca do deísmo. Miller, em seu labor e sem imaginar, não viveria para ver parte de seu movimento se transformar em uma igreja mundial com mais de quinze milhões de membros, institucionalizada e repleta de universidades ao redor do mundo, mas que ainda hoje, em grande medida, mantém seu caráter leigo, administrada por pastores a partir do consenso da comunidade constituída.⁸

O segundo dado da cultura estadunidense dos tempos do pioneiro William que julgo de importância capital foi sua ênfase na escatologia bíblica a partir do estudo exaustivo dos livros de Daniel e Apocalipse.⁹ Ainda hoje, a Igreja Adventista do Sétimo Dia pinça desses livros sua própria razão de ser, partindo da premissa que o fim está muito próximo e logo será chegada a hora da vinda de Cristo, literalmente, nas nuvens dos céus. A tríplice mensagem angélica de Apocalipse, capítulo 14, com ênfase na obra do terceiro anjo e o “descobrimento” do chamado Tempo do Fim¹⁰ a

Assim sendo, com relação a Thomas Paine e o próprio deísmo nele personificado, ela foi categórica ao afirmar que: “This one thing is evidence enough for the Christian, if there were no other; namely, that there is no difference made between the precious and the vile. Thomas Paine, whose body has now moldered to dust and who is to be called forth at the end of the one thousand years, at the second resurrection, to receive his reward and suffer the second death, is represented by Satan as being in heaven, and highly exalted there. Satan used him on earth as long as he could, and now he is carrying on the same work through pretensions of having Thomas Paine so much exalted and honored in heaven; as he taught here, Satan would make it appear that he is teaching in heaven. There are some who have looked with horror at his life and death, and his corrupt teachings while living, but who now submit to be taught by him, one of the vilest and most corrupt of men, one who despised God and His law”. WHITE, Ellen. *Early Writings of Ellen G. White* [1882]. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1945. p. 88. O texto, por mim resumido e traduzido, pode ser assim lido em nossa língua: “Uma coisa é prova suficiente para o cristão, se não houvesse outras, ou seja, que não há nenhuma diferença entre o precioso e o demoníaco. Thomas Paine, cujo corpo foi agora decompõe à poeira e que está a ser chamado no final dos mil anos, na segunda ressurreição, para receber sua recompensa e sofrer a segunda morte, é representado por Satanás, como a estar no céu, e ser altamente exaltado lá. Satanás o usou na terra, enquanto pôde, e agora ele está realizando o mesmo trabalho por meio das pretensões de Thomas Paine [...] Satanás quer fazer parecer que ele está ensinando no céu. Existem alguns que olharam com horror em sua vida e morte, e seus ensinamentos corruptos, enquanto vivia, mas que agora submetem-se a ser ensinados por ele, um dos mais vis e um dos homens mais corruptos, que desprezava Deus e Sua lei”.

⁸ Somente nas últimas poucas décadas começou a se formar um número um pouco mais significativo de ministros e membros leigos com curso superior e pós-graduação, atuando diretamente na igreja.

⁹ É interessante e importante verificar que o movimento millerita abordava praticamente apenas a questão escatológica. Os ministros associados, dada a suposta brevidade do tempo antes da volta de Cristo, não tinham autorização para pregar sobre outros temas bíblicos, a não ser que estes estivessem estritamente ligados à questão das “últimas coisas”.

¹⁰ A nomenclatura, cunhada por John Wesley, cuja igreja por ele fundada pertenceu Ellen White em sua juventude, sendo que depois ela e sua família foram expulsos por sua associação ao movimento de Miller, foi e é ainda hoje utilizada pelos adventistas do sétimo dia. Segundo esses, a interpretação da passagem que afirma que “após 2300 tardes e manhãs o santuário será purificado”, é, em linhas muito gerais, esta: segundo o princípio bíblico dia-ano, e partindo do fato histórico que o Templo foi reconstruído em 457 a.C., 2300 anos depois culminariam em 1843/1844. Segundo Miller, o “santuário” seria a própria Terra, purificada por ocasião da volta de Cristo, que segundo cálculo do pregador Samuel Snow, se daria em 22 de outubro de 1844. O próprio Miller, em pessoa, nunca marcou uma data tão específica. Contudo, passado o dia, conhecido e lembrado até hoje como o “Grande Desapontamento” a Igreja Adventista do Sétimo Dia passou a considerar a data como sendo a inicial para o chamado Juízo Investigativo, ou seja, um dia que, alocado ao período do Tempo do Fim, deu início ao julgamento dos mortos e, posteriormente, dos vivos. Ao final, segundo esta concepção, Cristo voltará, em um tempo

partir de sua interpretação particular – mas não única – de Daniel 8.14, foi, dos seus temas, o principal.

Contudo, a particularidade parece terminar por aí. Havia uma fascinação generalizada, desde o final da primeira Guerra de Independência, pelo estudo da matemática. Enquanto ainda desde os primórdios da história estadunidense, o povo aprendia a ler a partir de escolas patrocinadas e geridas por leigos, no final do século XVIII e início do XIX durante o período dos despertamentos ou reavivamentos religiosos, esse mesmo povo agora buscava os números, desde aquela época descortinando uma cultura filosófica e vivencial em grande medida voltada para a técnica e praticidade. Miller, filho de sua própria época, não agiu diferente e talvez motivado por essa própria ênfase geral, buscou entender com ainda maior diligência precisamente os textos bíblicos proféticos que abordavam as questões matemáticas mais entrincheiradas.¹¹

Agindo dessa forma, ele trouxe para suas reuniões número grandioso de pessoas não necessária ou diretamente interessadas em suas conclusões relativas ao fim do mundo e à volta de Cristo, mas que anotavam seus números e refaziam seus cálculos, como exercício mental e erudito. Como pode ser facilmente percebido, novamente a cultura circundante moldou talvez de forma imperceptível a forma de pensar de Miller. Seria impreciso aqui afirmar com categoria que a matemática possa ser uma disciplina secular (ou ainda pior, mundana!). Seja como for, Miller se utilizou de uma técnica – novamente sem perceber – hoje utilizada por alguns ministros evangélicos: pregar acerca do evangelho, com toda a ênfase no evangelho, mas a partir de perspectiva fascinante não diretamente ligada a ele.

Miller faleceu antes da metade do século XIX, precisamente em 1849. Ao aliar racionalidade e religião, em uma época que via nascer o darwinismo (1843), o próprio marxismo (1844) e tratava com

crescente descrédito a igreja (na Europa, a chamada “La Belle Époque” começava a surgir, baseada na crença da suplantação das mais infames chagas do mundo) ele não raras vezes foi achincalhado por críticos e partidários das mais diversas igrejas cristãs. A seu respeito, a cofundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Ellen White, escreveu:

Em vez de argumentos das Escrituras, os adversários da fé do Advento escolheram empregar o ridículo e escárnio. Os descuidados e ímpios, encorajados pela posição dos ensinadores da religião, recorreram à epítetos injuriosos, chistes e blasfêmias, em seus esforços para afrontar com William Miller e a sua obra. O homem de cabelos grisalhos que havia deixado uma casa confortável para viajar por conta própria de cidade em cidade, de vila em vila, labutando incessantemente para dar ao mundo a solene advertência do juízo próximo, foi veementemente denunciado como um fanático, um mentiroso, um patife especulador.¹²

Sob a “roupagem cultural” absorvida por ele, nasceria uma denominação que almejaria rapidamente deixar este mundo a partir de uma visão por vezes utópica (em relação ao capitalismo industrial ora instaurado) e exalando nostalgia,¹³ embora para isso fosse se utilizar de paradigmas

¹² WHITE, Ellen. *Christ Triumphant*. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 1999. p. 336. Conforme o original: “Instead of arguments from the Scriptures, the opponents of the Advent faith chose to employ ridicule and scoffing. The careless and ungodly, emboldened by the position of religious teachers, resorted to opprobrious epithets, to base and blasphemous witticisms, in their efforts to heap contumely upon William Miller and his work. The gray-headed man who had left a comfortable home to travel at his own expense from city to city, from town to village, toiling unceasingly to bear to the world the solemn warning of the judgment near, was sneeringly denounced as a fanatic, a liar, a speculating knave. (A tradução, livre, é de minha autoria).

¹³ Há um antigo hino, composto por uma mulher durante o século XIX, ainda pertencente ao hinário da igreja estudada, cujo nome original é *The Home-land Shore*; traduzido por “Saudade”, palavra que simplesmente não existe no vocabulário anglo-saxão, que a despeito da pujança econômico-social da pátria estadunidense, desde aquela época (a Doutrina Monroe, dos anos 20 do século XIX talvez seja a primeira evidência dessa precoce pretensão hegemônica dos Estados Unidos), assim inicia: “Da linda pátria estou mui longe, triste eu estou; Eu tenho de Jesus saudade; quando será que vou?!” Evidencia-se fé pelo porvir e melancolia pelo aqui estar...

futuro mas, crê-se, breve.

¹¹ Para informações bem mais detalhadas, vide: NOLL, Mark. *A History of christianity in the United States and Canada*. Grand Rapids, Michigan: Willian B. Eerdmans Publishing Company, 1992. p. 192.

modernos e tecnologias nascentes, ora demonizadas, ora exaltadas.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia como “movimento de contracultura”¹⁴

Antes de tudo é necessário, neste momento, precisar o sentido do vocábulo “contracultura” aqui utilizado. Ora, é sabido que o termo surgiu e foi largamente utilizado em sua primeira acepção nos Estados Unidos da América do século XX, nos anos 60. Empregou-se a palavra para se referir aos espíritos “libertários”, *underground*, *hippies*, alternativos. Pouco depois, surgiram os *beatniks*, partidários de um movimento encabeçado pela juventude mais intelectualizada que punha em xeque o materialismo, pregando uma vida mais equilibrada. Sob viés filosófico, Jean-Paul Sartre se arvorou como o grande ícone da contracultura como um todo, embora ele tenha se esquivado de uma participação ativa nos movimentos de Maio de 1968 em Paris. Genericamente, qualquer ato destoante da cultura majoritária em si pode ser chamado de contracultural.

Certamente os pioneiros adventistas do sétimo dia, incluindo aqui William Miller – que nunca foi um, mas iniciou o movimento – e Ellen White ficariam horrorizados se o termo em seu sentido original fosse utilizado para se referir à igreja como um todo. Porém, em termos culturais, ou cultural-religiosos (se é que o termo existe!) o adventismo do sétimo dia assim foi em suas primeiras décadas de existência e não tão somente por suas doutrinas particulares, já abordadas. “desafiando” (ao propor novas ideias, e não sob protestos) o *status quo* político e religioso que incidentalmente formou o *American Way of Life*.

Como isso se deu? Particularmente, mas não apenas, por causa da mobilização em torno da guarda do Sábado, de acordo com o quarto mandamento, descrito em Êxodo 20.8. O movimento em prol da observância sabática, no

mundo cristão, não é exclusivo dos adventistas do sétimo dia. Sequer eles iniciaram a campanha. Os batistas do sétimo dia, uma pequenina comunidade que ainda hoje existe praticamente só nos Estados Unidos, em 1843, em virtude de uma proposta legislativa federal mobilizando os cristãos em torno do chamado Dia do Senhor – em uma tentativa mais fervorosa das antigas práticas puritanas – divulgaram suas práticas. Foi uma das crentes dessa comunidade, Rachel Oakes, quem alertou Joseph Bates, um marinheiro pioneiro na Igreja Adventista do Sétimo Dia acerca da questão. Cinco anos mais tarde, por volta de 1850, a denominação, ainda não institucionalizada, depois de profundo estudo bíblico e oração, adotou o Sábado como dia de guarda, inclusive adotando o termo em seu nome, como “cavalos de batalha”.

Embora os adventistas do sétimo dia primitivos ainda não computassem número significativo de membros, suas ideias eram acompanhadas de perto por muitos, a maioria “escarneceadores”, que haviam outrora perseguido Miller. Logo, o Sábado surgiu como uma espécie de entrave com relação a, grosso modo, união cristã estadunidense, particularmente por causa da pregação adventista do sétimo dia. Com isso, muitos de seus membros, mais do que nunca, foram estigmatizados e alguns até mesmo presos e libertados posteriormente sob fiança.¹⁵ O mesmo aconteceu com alguns judeus, mas logo foi reparado que para esses a taxa era substancialmente menor. Portanto, o Sábado, enquanto “nova” doutrina, era evidenciado através dos meios de comunicação que ainda constituíam novidade, como a invenção de Morse, o telégrafo (precisamente de 1844), a perseguição continuava. Alguns membros, chegaram mesmo a pensar que era chegada a hora undécima.¹⁶

¹⁵ De acordo com o testemunho de: WHITE, Ellen. *Selected Messages*. Book 3. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1980. p. 380.

¹⁶ Às vezes, o caráter “fatalista”, do “quando pior, melhor”, é encarado por alguns crentes com íntima satisfação, como nesses casos. Para muitíssimo melhores informações, recomendo com veemência a seguinte referenciada obra: BULL, Malcom; LOCKHART, Keith. *Seeking a Sanctuary: Seventh-day Adventism and the American Dream*. Bloomington: Indiana University Press, 2005.

¹⁴ Sem dúvidas, a Igreja Adventista do Sétimo Dia não foi uma igreja “contracultural”, subversiva, como o título pode dar a entender. Contudo, ao questionar o funcionamento de algumas premissas básicas do sistema, ela apresenta um contraponto, tentando, a partir dele, criar um novo contexto, diferente do culturalmente dado.

É possível verificar a partir deste fato, aquilo que o Dr. George Knight, ex-professor de história da igreja na Andrews University, diferenciou entre “fiéis” e “adeptos culturais”.¹⁷ Este segundo grupo, tão arraigado a sua própria denominação, sequer presta atenção aos grupos, geralmente minoritários, que, com pujança, pregam acerca de algo que é novo. O estudo racional, aliado à fé, para esses primeiros, não mais parece existir. Culturalmente, são cristãos que sequer podem ser chamados de “secularizados”, visto que frequentam a igreja e têm bons hábitos. Os fiéis, que em alguma medida estão misturados ao grupo dos “adeptos culturais”, vivenciam a religião através do mente e do espírito. Dessa forma, estão preparados para mudanças de paradigmas culturais, visto que a fé serve de lastro. Se em alguma medida os fiéis apresentam alguma “nova” proposta a partir de estudo bíblico que minimamente mexa em alguma base cultural, então aquilo é, por pressuposto, errado. Assim procedendo, a voz profética da igreja vai sendo lentamente calada pela acomodação que a cultura propicia, algo que era muito distante da mente daqueles primeiros adventistas do sétimo dia que pensavam viver no limiar do tempo e que, por esse motivo, não podiam se dar ao luxo de se deter às coisas desse mundo, exceto por aquela bagagem civilizacional incutida e assimilada ao longo da vida sem a qual a própria pregação evangélica seria impossível.

Porém, não foi o Sábado a única questão. O regime pró-saúde, através dos clubes de temperança, não constituíam também uma exclusividade da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Sabe-se que em muitos lugares nos Estados Unidos um copo de whisky era mais barato do que um copo d’água. Além disso, beber água podia ser algo muito perigoso, em virtude do péssimo sistema de tratamento. Não é preciso dizer que o alcoolismo era uma questão das mais graves. Muitas igrejas, unidas, se propuseram a minimizar o problema. A partir de 1863, através de uma visão de Ellen White, além de todo o acima citado, a igreja passou a pregar abertamente contra o fumo de tabaco, (alegando câncer de pulmão!) a ingestão de chá,

café e carne de porco. A carne suína dessa vez foi o estopim para mais uma “tentativa” de modificação cultural por parte dos adventistas do sétimo dia, em uma espécie de tornar mais saudável através de uma pregação bíblica, um hábito cotidiano há muito arraigado. A partir dessa visão, o jovem médico adventista John Harvard Kellogg criou os flocos de milho, conhecidos até hoje como sucrilhos, como espécie de contraponto à prática de ingerir bacon ainda no café da manhã.

Como último e significativo exemplo de como a Igreja Adventista do Sétimo Dia estava novamente “atrapalhando” o *American Way of Life*, foi presenciada nas últimas décadas do século XIX uma grande migração interna em direção às cidades. A urbanização significava progresso e progresso econômico era a forma mais evidente do país participar do jogo de poder mundial, ainda conduzido pela Inglaterra, França e Alemanha. Dessa forma, criticar o crescimento das cidades em plena pujança, como o Presidente George Washington fez em 1801, agora era uma afronta. Pois foi precisamente isso que a Igreja Adventista do Sétimo Dia fez, duramente, nominalmente. Conforme White,

a vida nas cidades é falsa e artificial. A intensa paixão de ganhar dinheiro, o redemoinho da agitação e da corrida aos prazeres, a sede de ostentação, de luxo e extravagância, tudo são forças que, no que respeita à maioria da humanidade, desviam o espírito do verdadeiro desígnio da vida. Abrem a porta para milhares de males. Essas coisas exercem sobre a juventude uma força quase irresistível. Uma das mais sutis e perigosas tentações que assaltam as crianças e jovens nas cidades é o amor dos prazeres. Numerosos são os dias feriadados; jogos e corridas de cavalos arrastam milhares, e a onda de satisfação e prazer atrai-os para longe dos simples deveres da vida. O dinheiro que deveria haver sido economizado para melhores fins é desperdiçado em divertimentos. Em razão de monopólios, sindicatos e greves, as condições da vida nas cidades estão-se tornando cada vez mais difíceis. Sérias aflições encontram-se perante nós; e sair das cidades se tornará uma necessidade para muitas famílias.¹⁸

¹⁷ KNIGHT, George. *A visão apocalíptica e a neutralização do adventismo: estamos apagando nossa relevância?* Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2010. p. 9.

¹⁸ WHITE, Ellen. *The Ministry of Healing*. Mountain View:

O ideal idílico de Ellen White (e de Washington) consistia em pequenas cidades, cercadas de verde onde o homem e a mulher estivessem plenamente em comunhão um com o outro, bem como com os animais e a própria Terra, vivendo cotidianamente em proximidade com Deus, percebendo-se enquanto criaturas. Eis, para o adventista do sétimo dia, o cerne do próprio Sábado. Por isso, essa proposta anticultural foi tão veementemente combatida.¹⁹

À guisa de conclusão

Com a “demora” na vinda de Cristo, a Igreja Adventista do Sétimo dia, pouco a pouco, passou a se institucionalizar. Pequenos templos de madeira logo deram espaço a igrejas maiores. A primeira geração, os pioneiros, lentamente foi morrendo e logo na terceira geração os temores dos velhos fundadores começaram a tomar forma. A voz profética da igreja foi substancialmente sendo calada. Ellen White, ainda em seus dias, percebeu o processo de aculturação da igreja que ela mesma havia ajudado a fundar e escreveu:

Pacific Press Publishing Association, 1942. p. 364. Conforme o original: “Life in the cities is fake and artificial. The intense passion for money getting, the whirl of excitement and pleasure seeking, the thirst for display, the luxury and extravagance, all are forces that, with the great masses of mankind, are turning the mind from life’s true purpose. They are opening the door to a thousand evils. Upon the youth they have almost irresistible power. One of the most subtle and dangerous temptations that assail the children and youth in the cities is the love of pleasure. Holidays are numerous; games and horse racing draw thousands, and the whirl of excitement and pleasure attracts them away from the sober duties of life. Money that should have been saved for better uses is frittered away for amusements. Through the working of trusts, and the results of labor unions and strikes, the conditions of life in the city are constantly becoming more and more difficult. Serious troubles are before us; and for many families removal from the cities will become a necessity”.

¹⁹ Havia uma ideia forte entre esses crentes, que resiste com menos ímpeto hoje: o remanescente, ou seja, aquele que tem o “testemunho de Jesus e guarda os mandamentos” é verdadeiramente aquele que ama a Deus, será reconhecido por Ele e será salvo. Apenas com a plenitude de vida a partir de bons hábitos e a percepção da graça de Cristo (algo que para o adventista do sétimo dia só aconteceu em 1888 de forma clara e irrestrita) propiciará essa conquista. Portanto, a vida secularizada era um grande entrave e devia ser combatida.

O Senhor deseja que Seus servos hoje puguem a antiga doutrina evangélica - tristeza pelo pecado, arrependimento e confissão. Precisamos sermões à moda antiga, costumes à antiga, pais e mães em Israel à antiga. É preciso trabalhar pelo pecador perseverantemente, zelosa e sabiamente, até que ele veja que é transgressor da lei de Deus, e exerça arrependimento para com Deus, e fé no Senhor Jesus Cristo.²⁰

Para a igreja cristã como um todo voltar (idilicamente) aos seus momentos pujantes, ela precisa, ainda que esteja no mundo, não se adequar a ele. Cristo agiu dessa forma. É preciso proclamar, com fé, as velhas verdades esquecidas. No caso particular da Igreja Adventista do Sétimo Dia, a mensagem apocalíptica constitui a sua identidade. É preciso voltar a pregá-la, mesmo em contradição aos ditames cristãos majoritários, sob pena da igreja efetivamente ser um retrato da Laodiceia retratada por João e bradar em alta voz as palavras trágicas de Apocalipse 3.17: “sou rico, enriqueci-me e de nada mais preciso”, ao que a Divina voz respondeu, com tristeza: “não sabes, porém, que és tu o infeliz: miserável, pobre, cego e nu!”. Que o retrato atual da Igreja Adventista do Sétimo Dia sirva como alerta a todas as mais distintas, ou mais especificamente, a todos os fiéis, promovendo oração e reflexão.

[Recebido em: novembro 2011 e
aceito em: abril 2012]

²⁰ WHITE, Ellen. *Evangelism*. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1970. p. 179. Pelo original: “The Lord desires His servants today to preach the old gospel doctrine, sorrow for sin, repentance, and confession. We want old-fashioned sermons, old-fashioned customs, old-fashioned fathers and mothers in Israel. The sinner must be labored for, perseveringly, earnestly, wisely, until he shall see that he is a transgressor of God’s law, and shall exercise repentance toward God and faith toward the Lord Jesus Christ”.